

FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES NA PREVENÇÃO DE DST/AIDS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTARÉM-PA

João Allan Figueira Bandeira¹; Alessandra de Sousa Silva²; Soraia Valéria de Oliveira Coelho Lameirão³.

¹Discente do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - Isco - Ufopa; E-mail: johnnyaas@gmail.com;

² Discente do Curso Bacharelado Interdisciplinar de Ciência e Tecnologia das Águas - ICTA – Ufopa; E-mail: alehsousa0@gmail.com;

³Docente do Isco - Ufopa. E-mail: soraialameirao@gmail.com.

RESUMO: No presente trabalho, apresenta-se um relato acerca da formação de multiplicadores na prevenção de DST/Aids nas escolas públicas tendo como foco os jovens das comunidades periurbanas da região de Santarém, Oeste do Pará, onde propuseram-se análises do nível de conhecimento e vulnerabilidade através de questionários. Em seguida, foram trabalhadas oficinas de capacitação dos discentes no sentido de repassar aos seus pares a importância da saúde sexual, enfatizando a prevenção, diagnóstico e tratamento da AIDS, com o desenvolvimento de ações de cunho participativo e diálogos sobre a temática abordada de forma a sensibilizar os jovens sobre a prática sexual segura.

Palavras-chave: comunidades periurbanas; DST/Aids; escolas públicas; formação de multiplicadores; prevenção.

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) é uma doença causada pelo HIV, - Vírus da Imunodeficiência Humana - vírus esse que ataca o sistema imunológico devido à eliminação de glóbulos brancos. A ausência dessa defesa faz com que a capacidade imunológica do organismo seja comprometida, abrindo espaço para doenças oportunistas (CUNIC et al., 2008).

No Brasil, os primeiros casos de Aids foram registrados em 1982 – quando se adotou o termo para descrever a manifestação de doenças oportunistas em um organismo desprotegido –, no estado de São Paulo e se alastraram de uma forma surreal pelos outros cantos do país. Em uma época de liberação sexual, descoberta das pílulas contraceptivas, viagra e outros métodos que potencializam ou aprimoram a relação sexual, ou o uso de drogas injetáveis, se nota a rapidez com que o vírus foi disseminado (CARVALHO, 1995)

Foram registrados 66.114 casos de Aids entre jovens brasileiros de 13 a 24 anos até junho de 2009. Isso representa 11% dos casos notificados de Aids no país, desde o início da epidemia. Na mesma faixa etária, a transmissão sexual representa 68% dos casos de Aids notificados e a via sanguínea responde por 23%, segundo o portal eletrônico do governo sobre Aids, DST e hepatites virais.

Em Santarém, durante onze anos de funcionamentos do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) (1999-2010), houve um gradativo aumento no número de assistências, pois este contabilizava 600 indivíduos vivendo com HIV/Aids na cidade (ABATI, 2012). As prevenções das doenças sexualmente transmissíveis exigem diversas formas e níveis de atuação. A educação entre pares se destaca como sendo a bem mais sucedida quando se deseja diminuir a vulnerabilidade de um grupo em situação de risco.

Nesse sentido, visou-se um estudo acerca do assunto tendo como base os jovens das comunidades periurbanas de Santarém, Oeste do Pará, acima de tudo, a formação de multiplicadores no sentido de repassar aos pares a importância da saúde sexual, tendo como foco a preservação, diagnóstico e tratamento da Aids, para o desenvolvimento de ações de cunho participativo e diálogos sobre a temática abordada.

MATERIAL E MÉTODOS

Os materiais e métodos foram divididos em etapas de forma a demarcar cronologicamente a execução do trabalho.

1ª. Etapa: Identificar o perfil de vulnerabilidade a DST/Aids dos adolescentes participantes deste projeto através de um questionário sociodemográfico.

2ª. Etapa: Favorecer a análise crítica e reflexiva dos temas relacionados à Aids por meio de oficinas.

3ª. Etapa: Propiciar o planejamento e a realização de atividades de mobilização interna para a retransmissão dos conteúdos abordados nas oficinas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa dos procedimentos metodológicos consistiu na aplicação de um questionário (pré-teste) composto por questões fechadas e semiabertas relacionadas à sexualidade, Aids, drogas, cidadania, relações de gênero e a própria noção de vulnerabilidade, para conhecer o perfil dos estudantes contemplados pelo projeto e definir a melhor contextualização dos temas a serem abordados durante as oficinas.

O questionário constituiu basicamente em três eixos temáticos, o objetivo do primeiro foi conhecer o perfil social dos alunos, como por exemplo, em que faixa etária o grupo se encontra, raça, religião pertencente, atividades extraclasse e com quem convivem; já no segundo, a prioridade era saber mais especificamente sobre o nível de sexualidade e grau de vulnerabilidade dos participantes, como quantos possuem atividade sexual ativa, com que idade aconteceu a primeira relação sexual, qual a relação entre o adolescente e seu parceiro na primeira relação, se fez uso de preservativo, entre outros; e na terceira etapa serviu para identificar qual o nível e o meio de informação que os estudantes possuíam.

A população escolar em análise, corpo discente da escola São José, somou-se 165 adolescentes, 41,22% do sexo masculino e 58,78% do sexo feminino. Foi necessário avaliar o aspecto religioso do público-alvo, pois a importância do universo religioso como instância reguladora das sexualidades é objeto de vários estudos no campo do gênero e das sexualidades no Brasil, é possível observar ainda como o forte tradicionalismo religioso modifica seus discursos (SILVA et al., 2008), como forma de influência na sexualidade da sociedade, principalmente dos grupos mais vulneráveis, dessa maneira foi possível perceber que entre os participantes 61,76% dos alunos se declaram católicos, 35,29% evangélicos.

Ao analisar-se as relações interpessoais dos entrevistados, observou-se que a maior parte deles – 30,9% de alunos e 46,4% de alunas – tinham uma relação parental com pai e mãe e irmãos; Sobre a relação conjugal dos pais, analisou-se as porcentagens de alunos com os pais vivendo casados, separados, com mãe ou pai viúvos, pais falecidos ou não quiseram opinar. Dentre esses, 70,6% dos alunos e 60,8% das alunas informaram que seus pais eram casados. Pais e mães transmitem ideias positivas ou negativas a respeito do início e continuidade das práticas sexuais aos seus filhos, segundo ALMEIDA et al. (2009) e, ainda, a ausência da supervisão parental abre brechas para o estímulo e início da vida sexual. A estrutura familiar tem um papel fundamental para a manutenção da vida íntima de um adolescente não somente por valores repassados oralmente, mas por meio da sociabilidade e comportamento.

Adentrando as concepções pessoais sobre sexualidade, foram introduzidas perguntas de forma a caracterizar a percepção de vida sexual desses jovens. Assim, os alunos deveriam indicar se tinham ou não vida sexual ativa, entre os rapazes e moças, respectivamente, 25,4% e 10,3% alunos e alunas afirmaram ter vida sexual ativa e a média das idades iniciais ficou entre 13 anos entre os rapazes e 14 entre moças.

Borges et al. (2002) enfatiza o início da vida sexual mais prematuramente pelos rapazes pois têm-se uma diferenciação nas expectativas em relação à sexualidade entre a conduta masculina e feminina. O sexo masculino tende a não se prender a valores, como o casamento, por exemplo, ao iniciar sua vida sexual, diferentemente das mulheres que esperam pelo consentimento de seus pais ou se mantêm virgens até seu matrimônio.

Ao serem questionados como adquiriam conhecimento acerca de Sexualidade os valores mais expressivos foram, 31% dos homens e 52,6% das mulheres afirmam que recebem informações em

ambiente escolar, respectivamente, 28% e 32% através dos programas televisivos, 21% e 30% através dos amigos e 11,7% e 31% nas conversas com os pais.

Diferentemente dos resultados obtidos na pesquisa literária, os jovens adquiriram maior conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos na escola do que no ambiente familiar, meios de comunicação ou pelos pares. Isso mostra quão importante é o recinto educacional na formação sexual desses jovens e na promoção de saúde e prevenção, que os meios de comunicação exercem grande influência nos aspectos íntimos dos entrevistados, e que os amigos, bem como a própria família, são as formas as quais esses jovens ainda obtêm informações acerca de educação sexual.

A segunda parte dos procedimentos metodológicos consistiu em oficinas de capacitação que foram elaboradas de forma a transmitir aos jovens a importância da preservação, biossegurança e práticas de relações sexuais seguras. Ao longo de cinco semanas, os discentes da Escola São José puderam despertar sua motivação através de dinâmicas e aprender, de forma lúdica, as diversas maneiras de discussão sobre o assunto, assistir palestras sobre Conhecimento do Corpo, Sexualidade, Métodos Contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis, e debater a respeito de cada uma delas com os palestrantes, monitores e com os próprios jovens. A participação coletiva nessa etapa mostrou-se relevante devido a sua importância em valorizar o conhecimento do grupo, levando os integrantes a reflexões e construções coletivas de estratégias preventivas.

Ao final desse ciclo, os alunos – com o auxílio dos monitores – confeccionaram materiais para serem expostos no dia da ação, nomeado “Dia do Combate à Aids”, onde estes realizariam apresentações de forma a retransmitir e difundir aos seus pares e à comunidade escolar e geral aquilo que foi compreendido durante o treinamento e expor o grau de importância sobre as trocas de experiências entre os participantes.

CONCLUSÕES

Durante o tempo de execução, o projeto cumpriu com os seus objetivos, pois os jovens perceberam a importância de ter acesso às informações corretas bem como o seu papel nesse ciclo de multiplicação. Concluiu-se assim que a formação de multiplicadores na prevenção de DST/Aids é necessária em ações de identificação e absorção da problemática, criando mecanismos que reduzam a vulnerabilidade entre jovens e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABATI, P. A. M. **Análise do perfil sociodemográfico, clínico e laboratorial de pessoas com mais de 13 anos vivendo com HIV/AIDS no oeste do Pará e tendências de incidência de AIDS em Santarém-PA.** Diss. Universidade de São Paulo. 1ª Edição, São Paulo, p. 37-60, 2012.

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, **Cad. Saúde Pública** [online], vol.21, n.2, p. 499-507. 2001.

CARVALHO, H. B. de. **Dinâmica de transmissão do HIV entre usuários de drogas injetáveis, na cidade de Santos, São Paulo, Brasil.** 165f. Tese (Doutorado) – USP. São Paulo, 1995.

CASTRO, B. G.; PEREIRA, G.; SOUZA, H. de. AIDS: o que fazer? **Cad. Saúde Pública** [online], vol.2, n.1, pp. 66-83, 1986.

COSTA, C. B. A. **Poliformismo do HLA-G na coinfeção HIV/HCV.** Ribeirão Preto. 204 p.: il.; 30 cm, 2014.

CUNICO, W.; GOMES, C. R. B; VELLASCO JUNIOR, W. T. HIV - recentes avanços na pesquisa de fármacos. **Quím. Nova** [online], vol.31, n.8, pp. 2111-2117, 2008.

SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em estudo**, Dossiê: psicologia e sexualidade no século XXI, vol. 13, n. 4, Maringá, 2008.